

**SIMPÓSIO AT031**

**O UNIVERSO ROMANESCO DE DOMINGOS PELLEGRINI: DE TROPEIROS A VIAJANTES, COM ÊNFASE NO ELEMENTO FEMININO**

**Autora:** Einetes Spada (UNIANDRADE)

**Resumo**

O tema do estudo é o romance *A última tropa* (1998) de Domingos Pellegrini, e o objetivo consiste em aprofundar o conhecimento do universo romanesco do autor, procurando estabelecer como seus textos dialogam entre si, considerando os aspectos determinantes em sua obra: as relações do homem no núcleo familiar e suas lutas para desbravar a natureza. Para esse diálogo selecionam-se os contos “O encalhe dos trezentos”, “A noite em que achei meu pai” e “500 cervejas”. Analisam-se as personagens e a ação a partir dos planos espaço-temporais no romance e nos contos. Os resultados do estudo indicam que o romance *A última tropa* se encontra encaixado no microcosmo do tropeirismo da região sul do Brasil, com maior ênfase no Caminho das Tropas no Estado do Paraná, de Tibagi a Sorocaba, São Paulo, para onde Seu Zé do Tibagi levou suas tropas e, por último, o seu filho. O papel da mulher permaneceu nas entre linhas no decorrer da narrativa, porém foi essencial para seguir os encaminhamentos familiares rumo a evolução. O exercício da leitura do romance em análise permite ao leitor interagir com a história narrada, posicionando-se em relação aos personagens e possibilitando constatação real e atual da situação dos tropeiros no Estado do Paraná, com as grandes contribuições para a criação do progresso.

**Palavras-chave:** Literatura paranaense. Tropeirismo. Domingos Pellegrini. Elemento feminino.

**Introdução**

O tema deste estudo consiste nos estudos feministas e de gênero: tendências, impasses, refutações e problematizações, tendo como objeto da pesquisa o romance de Domingos Pellegrini *A última tropa* (1998), uma obra destinada ao público jovem, que é um repositório dos traços básicos do autor: o homem no âmbito das tradições de família e na relação com a natureza.

A trama, como indica pelo título, envolve o caso de uma forma tradicional de atividade, o tropeirismo, a que se dedica a família do famoso tropeiro Zé de Tibagi. Este representa o protótipo do explorador de caminhos: forte, autoritário, intransigente e mesmo violento. Tais características impedem-no de aceitar a realidade que se impõe: o tropeirismo como fonte da economia se tornou obsoleto em um mundo em que as trilhas se transformaram em estradas e o transporte é mecanizado. A análise do romance fornece caminhos primeiramente para situar a obra de Domingos Pellegrini no contexto da história do povoamento do Paraná, em que o tropeirismo desempenhou papel relevante, e permite encontrar sugestões para um conhecimento extensivo da criação literária do autor.

Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado em Teoria Literária, do Centro Universitário Campos de Andrade, que teve como objetivo principal aprofundar o conhecimento do universo romanesco de Pellegrini, estabelecendo o diálogo entre seus textos, considerando os

aspectos determinantes em sua obra: as relações familiares e as lutas do homem para vencer os obstáculos opostos pela natureza aos seus anseios de expansão territorial e de prosperidade econômica. Para a pesquisa do mestrado foram selecionados os contos “O encalhe dos trezentos”, “A noite em que achei meu pai” e “500 cervejas”.

Neste artigo, a intenção é apresentar o contexto feminino presente na obra de Pellegrini, analisando a descrição da mulher no romance *A última tropa* e nos contos selecionados.

## O tropeirismo

A história do tropeirismo está na essência da história da colonização das terras paranaenses, desmembradas da província de São Paulo apenas em 1853, já em meados do século XIX. As boas pastagens nativas e fontes de água em abundância atraem aquele ser único, nômade e pragmático, o tropeiro, que por aqui passava em jornadas de ida ou volta, em busca de riquezas.

Os caminhos de tropeiros em território paranaense remontam aos povos indígenas, foram trilhados posteriormente pelos bandeirantes e tornaram-se, no decorrer da história, caminhos de tropas, rumo ao centro comercial mais ativo das terras brasílicas, a feira de muares em Sorocaba.

Ressalta o historiador paranaense Ruy Wachowicz a importância do convívio do tropeiro de Sorocaba, dos Campos Gerais e do Rio Grande do Sul para estabelecer um contato íntimo dos gaúchos com os outros povos do Brasil, não deixando que se tornassem castelhanos. A profunda influência espanhola na região do Rio Grande do Sul, localizada entre a colônia lusa e o território castelhano, traduz-se em todos os aspectos da cultura gaúcha, nos trajes e nos costumes, que se refletem na adoção de inúmeras palavras castelhanas disseminadas pelos tropeiros Brasil afora: churrasco, chimango, charque, rabicho, arroio, bombacha, poncho, rincão, coxilha, estância (WACHOWICZ, 2010). A rota das tropas se origina sempre no Rio Grande do Sul, centro da criação de muares, e entra no Paraná pelo centro-oeste ou pelo sudeste.

Uma breve retrospectiva histórica situa as terras paranaenses nos tempos coloniais, quando pertenciam a duas capitânicas hereditárias: a faixa de território ao norte de Paranaguá, da barra de Bertioga até a Ilha do Mel, fazia parte da capitania de São Vicente, do donatário Martim Afonso de Souza. O território ao sul pertencia à capitania de Santana, sob a responsabilidade de Pero Lopes de Souza.

Quando chegaram os europeus, as terras paranaenses eram ocupadas por vários povos nativos pertencentes, segundo Romário Martins, ao grupo Tupi-Guarani (Floresta tropical) e ao grupo Jê (Marginal); os Tupis-Guaranis predominavam no litoral (Carijós e Tupiniquis) e os Tinguis na região de Curitiba. Vestígios arqueológicos desses povos, os sambaquis, foram encontrados no litoral paranaense: amontoados de ostras, conchas, ossos de animais, sobretudo

marinhos e pedras. Acredita-se que os sambaquis seriam restos de cozinha indígena acumulados por séculos.

Foram os indígenas os guias dos europeus por trilhas e picadas abertas na mata. Ficou registrado na história o caminho de Peabiru, nome de origem tupi que os índios davam ao caminho transcontinental pré-colombiano que ligava o Peru, no Oceano Pacífico, com São Vicente, no Atlântico. Ruy Wachowicz descreve a direção que toma em terras paranaenses.

Neste ambiente está registrada a presença da tropa e do tropeiro, este último considerado uma figura típica da sociedade. O comandante das tropas não era um homem sem recursos financeiros. A constituição de uma tropa exigia quantidades significativas de animais, sendo a maior parte destes de propriedade de homens bem sucedidos (WACHOWICZ, 2010). O tropeiro era visto como um ser solitário, pois em sua tropa, havia apenas seus índios e negros escravos (SCHIMIDT, 1996). A tropa era de propriedade do tropeiro, que alugava seu trabalho, atendendo a população que necessitava de transportar cargas ou adquirir animais (WACHOWICZ, 2010). Como as viagens eram longas e árduas, o tropeiro precisava ter resistência física, saúde e mansidão. O exercício de tropeiro era considerado uma arte que deveria ensinar aos filhos desde cedo (SCHIMIDT, 1996).

Na tropa, havia o capataz, que devia conhecer bem os caminhos e os pousos, sempre o primeiro na vida ruda a que se obrigavam, duas vezes ao dia: pela manhã, quando saíam do rancho para arrear e carregar os lotes; à tarde, no pouso seguinte, ao descarregar a carga (BACH, 2010).

O ofício da cozinha era fundamental nas caminhadas tropeiras. O cozinheiro era responsável pela alimentação de todos os componentes da tropa, com base nos alimentos que eram possíveis de serem carregados nas mulas durante a trajetória tropeira. Os principais ingredientes utilizados eram: arroz, carne seca, farinha de mandioca e feijão tropeiro (SCHIMIDT, 1996).

Quando chegava a noite, escolhiam um local especial para fazer o acampamento. Nesse momento, o cozinheiro fazia a janta e os outros realizavam atividades como: cuidar das ferraduras dos cavalos, fazer curativos nos animais feridos e conduzi-los ao potreiro para pastarem e receberem água (SCHIMIDT, 1996).

A tropa acampava, reuniam-se para jantar e posteriormente realizam a contação de histórias, tendo as cantigas de viola e sanfona para animá-las (SCHIMIDT, 1996). Era o momento em que os tropeiros e os animais paravam para recuperar as forças da viagem (BACH, 2010).

Para suportarem o frio e as longas jornadas, as roupas deveriam ser aconchegantes e quentes. Assim, para enfrentarem essa situação, utilizam o poncho e as bombachas, que se tornaram vestimentas típicas do tropeiro. Outros acessórios eram usados pelos tropeiros, tais como: guaiaca – cinto para transportarem o dinheiro; chapéu básico em formato de coco arredondado; garrucha; as brucas – com a finalidade de transporte de comidas, utensílios domésticos e

instrumentos nos lombos das mulas; o tirador – objeto de couro utilizado para impedir que o laço fizesse danos à calça (SCHIMIDT, 1996).

Na passagem das tropas de sul a norte, os sorocabanos não tropeiros negociavam a sua produção de peças manufaturadas com os compradores e vendedores de animais: rédeas, baixeiros de lã, coxonilhos, arreios e seus pertences, pano de algodão, artigos de prata e de ouro. “Em virtude do intenso movimento proporcionado pelos tropeiros, nas estradas de Paranapanema até Tapitininga, em 1746, já havia pequenos armazéns que comercializavam com os tropeiros”. (BACH, 2010, p. 44)

Em *A última tropa*, dormir nesses acampamentos foi se tornando difícil, conforme o filho de Zé de Tibagi:

Era a quarta noite que passavam ali no fundo da chácara, entre o fedor do chiqueiro e o fedor do galinheiro, que iam e voltavam conforme o vento, às vezes se misturavam. Ele viu uma estrela cadente, desejou voltar logo para casa. Gaúcho disse que estava sem sono, de dormir de tarde, ia de novo para a cidade. Zico deu boa noite, sinal de que logo estaria roncando e só acordaria cedinho para fazer o café. João disse que ia andar com os cachorros. Gaúcho tirou dinheiro da carteira e deu a João: - Vou só tomar uma cerveja, cuida disso pra mim, chê (PELLEGRINI, 1998, p. 114).

Ao raiar do dia, a tropa se organizava para seguir viagem, juntavam-se os animais, contando-os, faziam chimarrão, que passava em forma de roda. E, após o desjejum matinal, com a presença do mate e do café, era momento de partirem (SCHIMIDT, 1996).

## O universo romanesco de Domingos Pellegrini

Com o romance *A última tropa*, Domingos Pellegrini busca resgatar no tempo o tropeirismo, uma atividade que perdurou ao menos durante dois séculos, vindo a ser extinta em meados do século XX. Não há como negar historicamente a importância de tal atividade na ocupação do vasto território brasileiro desabilitado, sendo pela sua forma de ser e de se fazer, um semeadouro de futuras colônias e cidades ao longo dos caminhos e regiões por onde passava.

Nesse retrato de época, Pellegrini não só registrou os usos e costumes daquela população tão ousada e destemida, pois não contavam com quase nada para se socorrer em termos de saúde, educação para os filhos, transporte e comunicação, bem como meios necessários dos governos para ocupar de forma ordenada tão vastas áreas, levando-se em conta os inúmeros obstáculos naturais nelas existentes, tais como caudalosos rios, regiões de floresta densa e serras quase que intranponíveis.

Ao tecer a trama entre a partida e a chegada da “*A última tropa*” o autor consegue, criar personagens específicos, mostrando-se detalhes físicos e de caráter de cada um, além das incumbências que lhes cabiam realizar ao longo da tropeada. Também cabe realizar as citações sobre o clima, sendo ele mais ameno nos planaltos do Paraná e mais quente nas regiões de São

Paulo. A terra também é descrita como vermelha nos planaltos do Paraná, que além de campos, também apresenta florestas de pinheirais, sendo as terras de São Paulo mais arenosas, com a presença de uma diversidade grande de espécies de árvores, mas não mais de pinheirais.

Ao ler tal obra, percebe-se quão grandes eram os desafios a enfrentar, mas maior ainda era a vontade de vencer daqueles pioneiros, não se importando até com as consequências que eventualmente poderiam ocorrer, pois na imaginação de Zé de Tibagi, ele havia feito tudo direito, havia reunido uma tropa de mulas de primeira linha, e o resultado disso era que conseguiria tornar-se fazendeiro, pois não queria mais tropear tendo que deixar a família longe.

### Em análise do texto

Os paralelos entre o sítio pequeno do narrador e a “Chácara” do mundo ficcional do romance e do poema homônimos evidenciam a relação dialógica entre os textos de Pellegrini: para o menino é “um mundo” que se transforma no “mundinho” acolhedor dos pássaros do poema – “o beija-flor é o único que tem de / mostrar pressa aqui nesse mundinho”. (PELLEGRINI, 2005a, p. 163).

- Será que tu não tá ainda muito criança para tropear? – era a voz do pai ali atrás, e ele parou de atirar baixando os braços, **um passarinho riu**.

O pai disse que até era bom não irem naquele ano, assim ele crescia mais – e ainda agachado, ele olhou o bigode grosso lá no alto, **o pai falando para o horizonte**:

- Já vi guri que foi até com dez anos, e aguentou, mas também já aconteceu de rapagão de dezesseis voltar pra trás...

Aí era vexame, voltar com um peão, ou com algum mascate, e passar pela cidade com todo mundo olhando; tanto olhavam as tropas saindo como os tropeiros voltando, e decerto perguntariam, uai, por que voltou sozinho?

- Além disso – o pai **brincou** – é preciso montar bem. (Ênfase acrescentada)

Os termos grifados destacam elementos relevantes na caracterização das personagens e na construção do clima da narrativa. Um passarinho ri da fantasia do menino que se vê como herói de um filme de faroeste. Sobressai nessa passagem a voz do narrador adulto que percebe a bazófia do seu “eu” menino e observa o olhar perdido do Pai, que fala para o horizonte. São julgamentos e perspectivas de alguém que já viveu a experiência de ver frustrados os seus sonhos. Na frase “o pai brincou” soa novamente a voz adulta capaz de julgar atitudes. O menino, por sua vez, cai na armadilha armada pelo Pai e sai em desabalada carreira para provar que sabe montar bem.

Ele levantou já correndo até uma mula e montou num pulo, agarrando na crina curta, era uma mula nova ainda amansando. Ela correu, esperneou, escoiceando o céu, saltava com as quatro patas no ar – mas ele não caiu, mais agarrado que filhote de macaco. Quando a mula parou para tomar fôlego, bufando, ele pulou para o chão e correu de volta para o pai. O pai agachou. (PELLEGRINI, 1998, p. 10)



A ação intempestiva do menino é descrita por uma voz onisciente que simplesmente relata o que acontece. O pai reage com fúria mal controlada:

É a última vez que falo agachado com você, pra ver se deixa de ser criança – de raiva, falava quase de boca fechada, sem mexer um fio de bigode – nunca mais monte sem arreio, nem mesmo uma mula mansa! Tombo quebra braço, quebra perna, guri, pode até quebrar o pescoço! (PELLEGRINI, 1998, p. 10).

O pai levantou. “É mesmo muito criança ainda.” A raiva controlada do Pai, que “fala quase de boca fechada” aparentemente não desconcerta o menino. A voz narrativa é ainda a do narrador adulto, mas a perspectiva é a da personagem que observa que nem o bigode do Pai se mexe, certamente porque fala com os dentes cerrados.

Ele deixou o pai descer a colina com o cachorro. Lá na beira do Riacho da Ingrata, onde também terminava o sítio, o pai se virou, mas ele já estava escondido atrás duma moita. O pai continuou beirando o riacho, ele desceu correndo o outro lado da colina – e se jogou no riacho, desceu meio boiando, meio escorregando pela corredeira de que conhecia cada pedra; até perto do chiqueiro, aí correu para casa (PELLEGRINI, 1998, p. 11).

O medo respeitoso transparece nas ações do personagem, que se esconde atrás de uma moita, observando o Pai a distância. O tropeiro continua beirando o riacho, que serve de guia e refúgio para as personagens centrais, Pai e filho. É o espaço que ambos conhecem e dominam, na tranquilidade do familiar. O narrador lembra que “ele conhece cada pedra da corredeira”. Rios de águas turvas pela cinza das queimadas os esperam mais adiante. Está desenhado o embate entre os símbolos que pai e filho representam: rigidez, energia, coragem, resistência ao novo em contraposição à liberdade, descuido, ingenuidade, fantasia. Na volta a casa encontra à sua espera a terceira personagem da trama.

A mãe nem olhou, sempre mexendo com alguma coisa, mas disse para se enxugar antes de entrar. A toalha era de saco de farinha, mas tinha as iniciais dela bordadas em ponto cheio. Ele já estava enxuto quando o pai chegou perguntando como voltou tão depressa. Ele só ergueu os ombros. A mãe soltou uma risadinha:

- Imagina essa criança solta pelo mundo...

O pai falou que ele não ia estar solto pelo mundo:

- Vai estar com o pai dele. No ano que vem.

Só comigo morta, ela repetiu. O pai disse que, por ela, ele ia crescer um marica debaixo da saia. Ela disse que, se dependesse do pai, ele ia ser mais um perdido no mundo, deixando mulher em casa e gostando mais de mula que dos filhos.

- Eu quero levar meu filho numa tropa – o pai falava com raiva – justamente porque gosto dele (PELLEGRINI, 1998, p. 11).

O comentário final “justamente porque gosto dele” resume todo o cenário que se vem delineando até aqui: a força do tropeiro na abertura de caminhos, as qualidades de lealdade, firmeza, conhecimento da natureza humana e respeito pelo semelhante e, sobretudo, a consciência de próprio valor. Que não se curva à vontade de outrem. O menino começa a ouvir o diálogo em silêncio, que rompe para desafiar a mãe.

Ele ouviu a própria voz falando:

- Ano que vem, se a senhora não deixar, eu vou assim mesmo.

- O quê?! – ela parou com massa de pão nas mãos – o que você falou, moleque?! Soltou a massa socando na mesa, pegou uma colherona de pau e avançou para ele. Ele voltou a correr pelo sítio, o cachorro feliz, correndo atrás com a língua de fora (PELLEGRINI, 1998, p. 11).

A coragem do desafio desaparece diante da “colherona” de pau. Mas ainda existe o “sítio”,

o espaço **lá fora** das crianças, que fogem a um castigo iminente. Liberdade que o faz feliz.

Quando ele fez treze anos, ganhou da mãe, feito por ela mesma, um poncho de lã forrado de baeta para não molhar, com gargantilha de couro para chuva também não entrar pelo pescoço:

- Assim você tem ao menos alguma coisa de tropeiro.

Do pai ganhou um par de botas de cano alto, mas macio, até acima dos joelhos, e um par de esporas de prata, um relho de couro fino trançado, com cabo também de prata, e de prata ainda uma caneca, talheres – um punhal afiado feito navalha.

- Agora – disse o pai por trás do bigode – você pode ser tropeiro.

Pode ser o que quiser, menos tropeiro! – a mãe olhava o punhal na mesa como se fosse um bicho arisco... (PELLEGRINI, 1998, p. 11-2).

Comparável à mulher nas tribos primitivas, a Mãe sabe quando o menino tem de deixá-la para ser iniciado nas lidas masculinas, no papel de guerreiro, de defensor, daquele que deve caçar para prover às necessidades comuns. O caráter de rito de passagem efetiva-se nos trajes: a mãe fabrica com as próprias mãos o poncho forrado de baeta; do Pai recebe as botas que o levarão para longe. O par de esporas de prata, o relho de cabo também de prata, “como de prata são os talheres” complementam a armadura do cavaleiro, pronto para percorrer o mundo, em defesa dos fracos. Quando completa 13 anos, atravessa o limiar entre a infância e a vida adulta e está pronto para partir com a tropa e ser iniciado no mundo adulto.

Como de ofício de família, seu Zé de Tibagi também queria passar ao filho os conhecimentos básicos sobre tropeada, por isso da sua insistência para que o filho, ainda menino, o acompanhe nessa tropeada que estava organizando já fazia dois anos, mesmo com a relutância da mãe que, esposa de tropeiro, sabia e vivia em detalhes o que era andar meses em lombo de cavalo, enfrentando chuva, frio e dormindo muitas vezes ao relento, ou quando no máximo sob a proteção de uma árvore.

Como contraponto ao desejo de Seu Zé de Tibagi transmitir ao filho a velha tradição de tropeiro, dona Sebastiana, comumente chamada de Tiana, permanece quase que solitária na pequena propriedade, mas sentindo no ar as possibilidades que os novos tempos podem oferecer, põe-se a caminho com a compra de máquinas para costura e outras para fabricação de doces.

Marido e mulher, um preso as tradições já inviáveis do passado, enquanto que a esposa vislumbrada as mudanças que chegam, comprovadas na ausência de seu esposo, chegando a mirar nesse momento a possibilidade de compra de uma propriedade vizinha, partindo assim toda a família unida de ora em diante para uma nova realidade que os tempos estão a trazer.

Com a finalidade de expandir a visão do universo romanesco de Domingos Pellegrini, na pesquisa foi desenvolvida uma leitura extensiva de *A última tropa*, por meio da análise comparativa de elementos comuns ao romance e aos contos “O encalhe dos trezentos”, “A noite em que achei

meu pai” e “500 cervejas”: o núcleo familiar pai, mãe, filho, com enfoque no elemento feminino dos textos.

Em *A última tropa*, um romance de memória, Pellegrini dá vida a um menino sonhador que, como narrador-protagonista da trama, relata suas experiências na última tropa do pai, o tropeiro Zé de Tibagi. Arquétipo do tropeiro, fisicamente forte e de temperamento enérgico, o pai pretende iniciar o filho no tropeirismo, uma arte que se transmite de geração a geração.

A narrativa do processo de iniciação resgata, simultaneamente, o significado do tropeirismo na ocupação do vasto território brasileiro como semeadouro de agrupamentos populacionais. Após dois séculos como atividade de importância básica para as comunicações e para a economia de todo o país, o tropeirismo está em decadência, algo que Zé de Tibagi é obrigado a reconhecer, no decurso daquela que seria sua última tropa. A percepção vem aos poucos, na sequência de obstáculos insuperáveis e perdas decepcionantes dos pontos de referência de toda uma vida.

Aparentemente derrotados, pai e filho retornam sozinhos ao ponto de partida, dois anos mais tarde. A narrativa tem prosseguimento na voz do narrador-protagonista, já adulto e residente em uma cidade, que conduz os filhos adolescentes em uma viagem de volta ao tempo e ao espaço que percorrera quando menino. Reside na relação entre pai e filho(s), nos dois eixos espaço-temporais, a mensagem nuclear de amor à terra e às raízes que Pellegrini transmite às novas gerações.

## O elemento feminino

Apresentando as mulheres no conto “Encalhe dos trezentos”, Pellegrini as registra reservadas, cuidando das crianças, da bagagem protegendo os filhos: “Colocavam proteção nas crianças [...]”. Ainda que não se detenha a enumerar minuciosamente as qualidades e/ou as façanhas femininas nos contos ou no romance *A última tropa*, Pellegrini revela que a presença de mulheres era uma constante, paralelas ao papel do protagonista, em cada história, promovendo uma visão de harmonia para o leitor, sejam quais forem as circunstâncias vivenciadas pelos personagens.

Pertinentemente, Halbwachs (2006, p. 64) diz que as pessoas, frequentemente, atribuem a si mesmas ideias e reflexões, sentimentos e emoções que supõem como inspiradas pelo seu grupo, porque o equilíbrio harmônico estabelecido entre as pessoas dificulta saber em quem está o ponto inicial de vibração de energia. Explica que expressões individuais, consideradas *a priori* como criações pessoais, podem ser reflexões extraídas de um jornal, um livro ou uma conversa, mas que correspondem fielmente à maneira de ver daquele que se expressa, surpreendendo-se ao verificar que não é sua: “Já havíamos pensado nisso – não percebemos que somos apenas um eco”.



São as considerações sobre a percepção das mulheres e de como são retratadas, no conto “Encalhe dos trezentos”: “Se embarravam até os joelhos, cotovelos marcados de tombos e as bocas cerradas. Quando chegaram no hotel banharam as crianças, organizaram alimentação se agasalharam” (PELLEGRINI, 2005b, p. 32), confirmando virtudes como atitudes, resolutividade, presteza e maturidade diante das adversidades, não descuidando de si e daqueles a quem protegiam.

Uma referência maior ao papel da mulher, ainda que ausente na cena retratada naquele momento pelo autor, é registrada no romance *A última tropa*, quando a memória da mãe acompanha o filho do Seu Zé do Tibagi:

[...] E ele na frente de tudo, no primeiro vento, regulando a marcha no passo da petiça, filho de seu Zé de Tibagi, chefe tropeiro, lenda em carne e osso, de revolução e guerra, tantas vezes caído e levantado, e ele era filho daquele homem, tinha o pai no sangue e até as mulas pareciam saber disso. Mas no pouso, onde Zico já esperava com fogo aceso, e por melhor que fosse a comida, ele acabava lembrando da mãe (PELLEGRINI, 1998, p. 61-2).

A relação principal entre *A última tropa* e “500 cervejas” se caracteriza como a relação entre o homem e a mulher. O autor aparece como narrador e confirma, em tese, as afirmações de Schwartz (2012, p. 23): “Ao trabalhar no limite da associação entre o que conta o narrador/personagem e a própria biografia é que, de novo paradoxalmente, alguns escritores se mostram mais ficcionistas que outros”.

Ao desvelar as condições da mulher, com o passar do tempo, ainda que ela mesma não revele oralmente, no texto do conto, a decadência pela qual se distancia da vida conjugal, expressada no hábito de fumar está implícita. Comparativamente à dona Sebastiana, do romance *A última tropa*, percebe-se nesta última o desejo de aderir rapidamente à modernidade e, ainda que a personagem não manifeste oralmente no texto, o leitor poderá pensar que o fim do tropeirismo poderá levar o Seu Zé do Tibagi, também, para a modernidade e para novas profissões: máquinas para costura e outras para fabricação de doces, possibilidade de compra de uma propriedade vizinha, a família unida de ora em diante para uma nova realidade.

Os finais dessas obras analisadas - *A última tropa* e “500 cervejas” não descrevem nenhuma concordância entre eles; ao contrário, a posição feminina é muito destoante de uma mulher em relação à outra. O escritor, neste caso, poderia ter se limitado ao que propôs Halbwichs (2006, p. 66), quando nos propomos à memória coletiva:

Vemos cada ambiente à luz do outro ou outros e ao mesmo tempo à sua própria luz e temos a impressão de resistir a ele. [...] Às vezes nos limitamos a observar que nosso passado compreende dois tipos de elementos; o que podemos evocar quando desejamos e os que, ao contrário, não atendem ao nosso apelo, se bem que tão logo os procuramos, no passado nossa vontade parece bater num obstáculo. Na verdade, dos primeiros podemos dizer que serão no terreno comum, no sentido de que o que nos é assim familiar ou facilmente acessível, é igualmente familiar ou acessível para os outros.

Isto significa, em outras palavras, que as recordações de um indivíduo, aquelas mais presentes, são também de outros, do terreno comum, e as lembranças mais difíceis são aquelas

estritamente pessoais, porque somente podem ser reconhecidas pela própria pessoa (HALBWACHS, 2006).

No romance *A última tropa*, Pellegrini consegue trazer o sentimento muito íntimo do filho de Seu Zé do Tibagi, em uma reflexão sobre a sua própria vida e das lembranças que mantém:

Antes de dormir, lembrava da mãe, bolo de polvilho saindo do forno, fumegando, arroz gomoso com paçoca, frango com mandioca, sopa de cambuquira, até de sopa da mãe lembrava, os lençóis brancos, feitos de saco de farinha alvejados, mas tão macios e cheirando a eucalipto do sabão feito em casa. No verão, com as janelas abertas, também em Tibagi dormia com o mesmo cheiro de chiqueiro; o pai dizia que, se deixasse, a mãe criava bicho até dentro de casa (PELLEGRINI, 1998, p. 115).

Saber dona Sebastiana do romance *A última tropa* como uma mulher que espera pelo futuro com confiança na modernidade, e que tem iniciativas para fazer este futuro, conforme revelado no texto, certamente não se coaduna com “ela”, a mulher das “500 cervejas”, que se retrai e se esconde de si e do marido, numa visão ficcional muito bem colocada por Pellegrini.

Lejeune (2008, p. 104) comenta sobre a promessa de dizer a verdade, e sobre a distinção que há entre ela e a mentira, constituintes da base de todas as relações sociais, considera impossível atingir a verdade de uma vida humana; mas a autobiografia se insere no campo do conhecimento histórico e no campo da ação, porque se uma identidade individual passa pela narrativa isso não a coloca como ficção, sob a afirmação de que: “Se a identidade é um imaginário, a autobiografia que corresponde a esse imaginário está do lado da verdade. Nenhuma relação com o jogo deliberado da ficção”.

Esta verdade é situada no romance *A última tropa*, quando o tempo mostra que as mudanças acontecem na vida das pessoas, ainda que não sejam por ela buscadas. No imaginário do autor, o filho do Seu Zé do Tibagi cresceu durante a jornada e ele mesmo se desconhece nesse crescimento.

Na cidade, só com as botas e as roupas de tropeiro, sem as mulas, parecia que faltava neles alguma coisa. E de repente ele se viu num espelho, passou a mão na cara, assustado; a penugem do bigode estava bem mais escura. No guichê, o ferroviário perguntou quantas passagens, o pai disse: duas. – Até doze anos, paga meia. – Duas inteiras – o pai repetiu – É um homem já. Subindo no trem, disse ao pai que se sentia meio pelado sem a sela. O pai disse que isso era normal, anormal seria agora viver sem tropear. [...] – Vai chegar Castro, vamos! Era noite ou madrugada, e bocejando e trombando foi atrás do pai pela plataforma da estação, por ruas estreitas de calçadas estreitinhas. Vamos para uma pensão, disse o pai, uma pensão duma comadre de sua mãe (PELLEGRINI, 1998, p. 124-6).

Com isto o romance confirma a identidade e o imaginário como parte de uma verdade da ficção: o tempo que passa, sendo que Figueiredo (2013, p.16), contudo, referenciando Barthes (1988), explica a sua posição face à intertextualidade na narrativa:

Ao mostrar que ‘o texto é um tecido de citações’, as quais, por sua vez, emanam de outros textos, Barthes dessacralizava a figura do autor como criador único e autoconsciente do texto. [...] Ao tirar o foco do autor Barthes privilegiava o leitor, aquele que teria o encargo de dar sentido ao texto no processo de leitura: ‘O leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca,

todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino.

Esta forma de expor a teoria literária parece ter eco nos sons que é possível imaginar quando Pellegrini descreve as habilidades domésticas e culinárias de Tiana, em *A última tropa*:

Depois tinha tirado as cinzas, varrendo com vassoura também comprida de guanxumas; e depois tinha enfiado as fornadas pela ordem de caloria: a leitoa e as costelas de boi, que ficavam lá quase três horas; os frangos em seguida, na mesma fornada com os lombos de porco também recheados, cada qual em sua travessa de barro ou de lata de bolacha que o pai trazia das viagens. Depois iam os pães, saíam chiando torresmo ou linguças que ela misturava na massa, e os empadões de frango e de palmito. Quase por fim, os bolos e, agora, finalmente, era a vez dos suspiros, sobre retalhos de folha da bananeira, colocados lá dentro pela pá de madeira comprida e chata como um remo. [...] A mãe fazia a casa funcionar como um relógio, dizia o pai, e ela completava: - É verdade, trabalho como um relógio. Ele voltou a comer balas de coco, enquanto esperava esfriar os suspiros, e ela disse de novo que assim ele ia ficar de tripa mole (PELLEGRINI, 1998, p. 13).

No romance de Pellegrini, *A última tropa*, a narrativa presente conta alguma coisa, acontecimentos, ainda que com terceiros personagens, o que esclarece a teoria da análise do discurso narrativo. Pellegrini realiza a narrativa quando conta a história dos “Zés” e de “Tianas”, pois assim como é narrado em *A última tropa*, objeto deste estudo, Zé e Tiana aparecem também em *Terra vermelha* como os personagens centrais, executores de atividades que se mostraram fundamentais para a conquista de vastas áreas de nosso território, notadamente pela fundação de inúmeras cidades por onde passaram tropas.

## Conclusão

Análise do romance *A última tropa*, de Domingos Pellegrini, compreende-se que a visão inicial da obra de Pellegrini adquire uma extensão surpreendente, quando estudada a base que serviu para a produção do romance *A última tropa*: o tropeirismo, os tropeiros e as histórias de vida que nortearam essas grandes ações que, no passado, contribuíram para o crescimento do País.

O estudo mostra com maior valor o espaço/ambiente do qual se utilizou Pellegrini para situar Seu Zé do Tibagi, seu filho, Tiana, sua mulher, e os demais personagens, com os quais construiu um enredo maravilhoso e sofrido sobre os tropeiros e a sua missão de desbravar as regiões.

A descrição de parâmetros culturais, espaços, homens e lugares, bem como dos objetos e das particularidades que regeram as ações tropeiras, em suas vidas e em suas viagens, aparecem com muita similaridade nos registros históricos sobre o tropeirismo no Paraná, e no romance *A última tropa*.

O romance traz registros do cotidiano do tropeiro, suas perspectivas e vivências, mostrando que o apego ao exercício de uma função sofrida e sem muitos recursos, realizada por homens corajosos e ensinada aos filhos desde a infância, guarda semelhança com a continuação das tradições tropeiristas que ora agregam milhares de cavaleiros, que se reúnem para cavalgadas na

Rota dos Tropeiros, adotando os ensinamentos, as indumentárias, o comportamento e a religiosidade, dentre outros elementos, que compuseram a saga dos tropeiros no Brasil.

O romance *A última tropa* está encaixado no microcosmo do tropeirismo da região sul do Brasil, com maior ênfase no Caminho das Tropas no Estado do Paraná, de Tibagi a Sorocaba, São Paulo, para onde Seu Zé do Tibagi levou suas tropas e, por último, o seu filho.

## Referências

BACH, A. M. *Tropeiros*. Ponta Grossa: O Autor, 2010.

FIGUEIREDO, E. *Mulheres ao espelho*: autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

PELLEGRINI, J. D. *A última tropa*. São Paulo: Moderna, 1998.

\_\_\_\_\_. *Gaiola aberta*: 1964-2004. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

\_\_\_\_\_. *O encalhe dos trezentos*. São Paulo: Global Editora, 2005b.

SCHIMIDT, A. M. S. *Histórias do cotidiano paranaense*: orientação de pesquisa e texto final. Curitiba: Letraviva, 1996.

SCHWARTZ, C. Gênese autobiográfica da ficção. *Cândido*: Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, n. 9, p. 18-23, abr. 2012.

WACHOWICZ, R. C. *História do Paraná*. 2. ed. Ponta Grossa: UEPG, 2010.